



TAYLOR
ADAMS

EM BREVE,
UMA SUPERPRODUÇÃO
CINEMATOGRÁFICA!

SEM SAÍDA

“Uma verdadeira caixa de surpresas!
Alucinante, rápido e cheio de reviravoltas.”

A.J. FINN, autor do best-seller *A mulher na janela*

 FARO
EDITORIAL

TAYLOR ADAMS

**SEM
SAÍDA**

Tradução: **CARLOS SZLAK**

COPYRIGHT © TAYLOR ADAMS, 2017
PUBLISHED BY SPECIAL ARRANGEMENT WITH LORELLA BELLI LITERARY
AGENCY LIMITED IN CONJUNCTION WITH THEIR DULY APPOINTED
CO-AGENT VILLAS-BOAS & MOSS AGÊNCIA LITERÁRIA.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **MONIQUE D'ORAZIO**
Revisão **BARBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa © **MAGDALENA RUSSOCKA | TREVILLION IMAGES**

*Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da
imaginação do autor ou são usadas ficticiamente e não devem ser interpretadas como
reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas
ou mortas, é inteiramente coincidência.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adams, Taylor
Sem saída / Taylor Adams ; tradução de Carlos Szlak.
– São Paulo : Faro Editorial, 2019.
272 p.

ISBN 978-85-9581-096-9
Título original: No exit

I. Ficção norte-americana I. Título II. Szlak, Carlos

19-0495 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-073
www.faroeditorial.com.br



ANOITECER

17h19

23 de dezembro

Darby Thorne havia subido dez quilômetros pelo desfiladeiro de Backbone, quando o limpador de para-brisa do carro quebrou. Ela girou o botão de sintonia do rádio com o polegar (nada além de estática) e viu a haste do limpador esquerdo oscilar como um pulso quebrado. Pensou em encostar o carro para prendê-la com fita adesiva, mas o acostamento da estrada tinha desaparecido sob muros de gelo sujo que ocupavam a direita e a esquerda. De qualquer forma, sentiu medo de parar. Quarenta minutos antes, quando passou a toda a velocidade por Gold Bar, os flocos de neve eram grandes e macios, mas ficaram menores e mais duros à medida que ganhava altitude. Naquele momento, iluminados pelos faróis, eram hipnóticos.

USO OBRIGATÓRIO DE CORRENTES NOS PNEUS, advertia a última placa de sinalização que Darby vira.

Darby não tinha correntes para neve. Ainda não, pelo menos. Ela estava no segundo ano da Universidade do Colorado em Boulder e nunca havia pensado em se aventurar fora do campus além do supermercado. Lembrou de voltar a pé de lá no mês anterior, meio bêbada, com um grupo escandaloso de conhecidas do seu dormitório, e quando uma delas lhe perguntou (ainda que não estivesse muito interessada na resposta) onde ela pensava passar o recesso de Natal, Darby respondeu sem rodeios que seria necessário uma intervenção divina para fazê-la voltar para sua casa, em Utah.

E aparentemente Deus a tinha escutado, porque abençoara a mãe de Darby com um câncer de pâncreas em fase terminal.

Ela havia ficado sabendo disso no dia anterior.

Por mensagem de texto.

Raspa-raspa. A haste entortada do limpador voltou a raspar o vidro, mas, como os flocos de neve estavam bastante secos e a velocidade do carro era suficientemente alta, o para-brisa se mantinha limpo. O verdadeiro problema era a neve que se acumulava na estrada. As linhas amarelas de separação das faixas da pista já estavam encobertas por vários centímetros de neve recém-caída e Darby sentia o chassi de seu Honda Civic roçar a superfície em intervalos regulares. Soava como uma tosse com secreção, um pouco pior a cada vez. Na última, sentiu o volante vibrar entre as mãos que o seguravam firme. Enquanto tomava um gole de Red Bull morno, concluiu que se mais um ou dois centímetros de neve se acumulassem, ela ficaria presa ali, a dois mil e setecentos metros acima do nível do mar com um quarto de tanque de gasolina, sem sinal de celular e tendo como companhia seus pensamentos angustiados.

Raspa-raspa.

Todo o caminho tinha sido daquele jeito: um disparo desfocado e com vermelhidão nos olhos através de quilômetros de planícies cobertas de arbustos raquíticos. Sem tempo para parar. Durante todo o dia, se alimentara apenas de ibuprofeno. Deixara a luminária acesa no dormitório, mas só notou quando saiu do estacionamento do Dryden Hall, ou seja, longe demais para voltar. O refluxo alcançara a garganta. As músicas pirateadas das bandas Schoolyard Heroes e My Chemical Romance repetindo sem parar no iPod Touch (naquela altura, já sem bateria). Placas de sinalização verdes passando a toda com adesivos desbotados de restaurantes de *fast-food* colados nelas. Boulder desaparecera de seu espelho retrovisor por volta das três da tarde e, depois, a linha do horizonte enevoado de Denver com sua frota de jatos em terra e, finalmente, a pequena Gold Bar atrás de uma cortina de flocos de neve em queda livre.

Raspa-raspa.

Darby sentiu o Red Bull espirrar no colo quando o carro guinou brusca-mente para a esquerda. O volante ficou duro entre suas mãos. Com um frio na barriga, ela forçou o volante a se mover (*corrija a derrapagem, corrija a derrapagem*). Então, conseguiu recuperar o controle do carro e seguiu ladeira acima, mas perdendo velocidade. Perdendo tração.

– Não, não, não – ela disse, pisando no acelerador.

Os pneus de uso misto proporcionavam pouca aderência na neve lamacenta, fazendo o carro patinar com fúria. Fumaça escapava pelo capô.

– Vamos, Blue...

Raspa-raspa.

Darby chamava seu Honda de Blue desde quando o ganhara, na época do ensino médio. Agora estava pisando no acelerador em busca do efeito sensorial da tração. Pelo espelho retrovisor, viu dois jatos de neve se erguendo, iluminados de vermelho-vivo pelas lanternas traseiras do carro. Ouviu um som áspero de pancada. Era o chassi de Blue voltando a roçar a superfície nevada. O carro patinou e rabeou, virando uma espécie de barco e...

Raspa...

A haste do limpador do para-brisa esquerdo estalou e se soltou.

O coração de Darby afundou no peito.

– Ah, *merda!*

Os flocos de neve grudavam no lado esquerdo do para-brisa e se acumulavam com rapidez no vidro desprotegido. O carro perdera muita velocidade. Em questão de segundos, o campo de visão da Rodovia Estadual 6 se afunilou e Darby golpeou o volante. A buzina soou, mas ninguém ouviu.

É assim que as pessoas morrem, ela compreendeu com um tremor. *Em nevascas, as pessoas acabam presas em zonas rurais e ficam sem gasolina.*

Morrem congeladas.

Tentou tomar outro gole de Red Bull, mas a lata já estava vazia.

Desligou o rádio, debruçou-se sobre o assento do passageiro para ver a estrada e tentou se lembrar de quando tinha visto um carro pela última vez. Há quantos quilômetros? Tinha sido um limpa-neves alaranjado com as letras CDOT, de Departamento de Transportes do Colorado, gravadas na porta, percorrendo a faixa da direita e soltando uma nuvem de lascas de gelo. Fazia pelo menos uma hora, quando ainda havia sol.

Naquele instante, o sol era apenas uma espécie de farol cinzento enfiando-se por trás de picos irregulares, e o céu escurecia em um arroxeadado semelhante a um hematoma. As árvores cobertas de gelo se convertiam em silhuetas recortadas. As planícies escureciam e pareciam lagos de sombra. A temperatura era de quinze graus abaixo de zero, de acordo com a placa do posto de gasolina Shell pelo qual ela passara havia cinquenta quilômetros. Provavelmente já estava mais frio.

Então ela viu: uma placa verde meio enterrada em uma barreira de neve à sua direita. Foi se revelando a ela aos poucos até que os faróis sujos do Honda a iluminaram totalmente: 365 DIAS DESDE O ÚLTIMO ACIDENTE FATAL.

Provavelmente, a contagem estava incorreta em alguns dias por causa da tempestade de neve, mas ainda assim ela achou assustador. Um ano exato, transformando aquela noite em uma espécie de aniversário macabro. Parecia algo estranhamente pessoal.

E por trás daquela, outra placa.

ÁREA DE DESCANSO À FRENTE.

* * *

Uma estrutura comprida (um centro de informações turísticas, banheiros, talvez uma loja de conveniência ou uma cafeteria administradas por voluntários) acomodada entre árvores expostas ao vento e rochedos lascados. Um mastro sem bandeira. Um toco de uma árvore antiga em forma de tambor. Um conjunto de estátuas de bronze enterradas até a cintura na neve; arte financiada pelos contribuintes homenageando algum médico ou pioneiro local. E um estacionamento com uns poucos carros parados, com outros motoristas presos como ela, esperando pela chegada dos limpa-neves.

Darby tinha passado por dezenas de áreas de descanso desde Boulder. Algumas maiores; a maioria, melhores; todas menos isoladas. Mas essa, ao que tudo indicava, era a que o destino escolhera para ela.

CANSADO?, uma placa azul perguntava. CAFÉ GRÁTIS NO INTERIOR.

E uma mais nova, com o selo da águia do Departamento de Segurança Interna da era Bush: SE VIR ALGO SUSPEITO, COMUNIQUE.

A última placa, situada no fim da via de acesso do estacionamento, tinha forma de “T”. Direcionava os caminhões e os *trailers* para a esquerda e os veículos menores para a direita.

Darby quase a atropelou.

Àquela altura, ela já não conseguia ver quase nada através do para-brisa por causa da nevasca. O limpador direito também estava deixando de funcionar, então, ela abaixou a janela, tirou o braço para fora e abriu um círculo no vidro com a palma da mão. Era como navegar olhando por um periscópio. Ela nem mesmo se incomodou em encontrar uma vaga para estacionar – as linhas

pintadas e os meios-fios só ficariam visíveis em março —, e encostou Blue ao lado de um furgão cinza sem janelas.

Darby desligou o motor e apagou os faróis.

Silêncio.

Suas mãos ainda estavam tremendo. Era a sobra de adrenalina daquela primeira derrapagem. Ela cerrou os punhos com força, primeiro a mão direita e depois a esquerda (*inspire, conte até cinco, expire*), e observou os flocos de neve se acumulando no para-brisa. Em dez segundos, o círculo aberto desapareceu. Em trinta, Darby ficou cercada por muros de gelo escuro e encarou o fato de que não chegaria a Provo, em Utah, à meia-noite daquele dia. O horário otimista previsto para a chegada dependia de vencer a nevasca que caía sobre o desfiladeiro de Backbone antes das oito da noite e já eram quase seis. Mesmo que não parasse para dormir nem para fazer xixi, não conseguiria falar com a mãe antes da primeira cirurgia. A possibilidade estava completamente fora de cogitação, assim como a de atravessar outro desfiladeiro, de acordo com o seu aplicativo de notícias.

Depois da cirurgia, então.

É o que vai ser.

O interior do Honda tinha ficado escuro como breu. A neve se acumulava contra o vidro em todos os lados, formando uma espécie de iglu. Darby checou o iPhone, semicerrando os olhos ante o brilho elétrico: sem sinal e quase sem bateria. A última mensagem de texto recebida continuava aberta. Fora lida pela primeira vez perto de Gold Bar, enquanto cruzava uma ponte escorregadia por causa do gelo, a quase 140 quilômetros por hora, com a pequena tela tremendo na palma da mão: NESTE MOMENTO, ELA ESTÁ OK.

Neste momento. Era uma ressalva assustadora. E nem mesmo era a parte mais assustadora.

Devon, a irmã mais velha de Darby, pensava em emoticons. Suas mensagens e postagens no Twitter tinham alergia à pontuação; costumavam ser rajadas de verbosidade em busca de um pensamento coerente, mas não aquela. Devon tinha decidido escrever de forma correta e terminar a frase com um ponto. Aqueles pequenos detalhes afetaram o estômago de Darby como uma úlcera. Não era nada tangível, apenas uma pista de que qualquer coisa que estivesse acontecendo no Hospital Utah Valley não estava OK, embora não pudesse ser expresso por meio de um teclado.

Apenas cinco palavras bobas.

NESTE MOMENTO, ELA ESTÁ OK.

E ali estava Darby, a segunda filha, com desempenho abaixo do esperado, presa em uma parada para descanso solitária logo abaixo do cume do desfiladeiro de Backbone, porque tentara vencer o apocalipse de neve nas Montanhas Rochosas e fracassara. Quilômetros acima do nível do mar, ilhada pela neve no interior de um Honda Civic 94, com os limpadores de para-brisa quebrados, um celular quase sem bateria e uma mensagem de texto enigmática cozinhando em fogo brando em sua mente.

Neste momento, ela está OK. O que quer que diabos aquilo significasse.

Na infância, a morte fascinava Darby. Não tinha perdido nenhum dos avôs ou avós, de modo que a morte ainda era um conceito abstrato, algo para ela visitar e explorar como turista. Adorava decalcar lápides, prendendo papel de arroz contra uma delas e esfregando giz de cera preto para obter uma reprodução em detalhes. Os decalques eram lindos. Sua coleção particular era composta por centenas deles, incluindo alguns emoldurados. Alguns de pessoas desconhecidas. Outros de pessoas famosas. No ano anterior, pulara uma cerca em Lookout Mountain, nas proximidades de Denver, para conseguir a de Buffalo Bill. Por muito tempo, acreditou que sua peculiaridade, aquela fascinação adolescente pela morte, a prepararia melhor para a realidade da vida.

Em vão.

Por algum tempo, Darby ficou sentada no carro lendo e relendo as palavras de Devon. Ocorreu-lhe que, se ficasse dentro daquela caverna gelada e escura apenas na companhia de seus pensamentos, começaria a chorar e só Deus sabia o quanto já tinha chorado nas últimas vinte e quatro horas. Não podia perder o ímpeto. Não podia atolar na lama. Tal qual Blue atolado naquela nevasca, a quilômetros de distância de ajuda humana. Se ela se entregasse, seria engolida.

Inspire. Conte até cinco. Expire.

Avance.

Assim, guardou o iPhone no bolso, soltou o cinto de segurança, vestiu um casaco por cima do agasalho de moletom com capuz com a estampa Boulder e torceu para que, além da promessa de café grátis, aquela pequena e lúgubre área de descanso tivesse Wi-Fi.

* * *

No interior do centro de informações turísticas, perguntou sobre o Wi-Fi para a primeira pessoa que encontrou. Ele apontou para um cartaz plastificado preso na parede: WI-FI PARA OS NOSSOS CLIENTES. CORTESIA DA FANTÁSTICA PARCERIA ENTRE O CDOT E A ROADCONNECT!

O homem se pôs atrás dela.

– Ah... Diz que é pago – ele avisou.

– Eu pago.

– É um pouco caro.

– Mesmo assim eu pago.

– Está vendo? – perguntou, apontando. – São \$ 3,95 dólares por dez minutos...

– Só preciso fazer uma ligação.

– De quanto tempo?

– Não sei.

– Porque se for uma ligação de mais de vinte minutos, talvez seja interessante para você o plano mensal da RoadConnect, que diz que são apenas dez dólares para...

– Caramba, cara, *não* tem problema.

Darby não teve a intenção de ser ríspida. Até aquele momento, sob a iluminação sem vida das luzes fluorescentes, ela não tinha conseguido dar uma boa olhada no desconhecido: cinquenta e tantos anos, uma jaqueta amarela, um brinco e uma barbicha de bode grisalha. Tal qual um pirata de olhos tristes. Ela lembrou a si mesma que ele provavelmente também estava preso ali e que só estava tentando ajudar.

De qualquer jeito, o iPhone não conseguia encontrar a rede sem fio. Com o polegar, ela rolou a tela esperando que aparecesse.

Nada.

O homem voltou para o seu assento.

– Carma, hein?

Ela o ignorou.

Aquele lugar devia ser uma cafeteria que funcionava durante o dia. Porém, naquele momento, recordava uma estação rodoviária depois do expediente, excessivamente iluminada e deserta. O quiosque de café, cujo nome era

O Pico do Café Expresso, estava protegido atrás de uma persiana de segurança. Lá dentro, duas máquinas de café expresso profissionais com botões analógicos e bandejas de gotejamento enegrecidas. Doces velhos. Um cardápio em um quadro-negro listando algumas bebidas caras e extravagantes.

O centro de informações turísticas consistia em um único espaço – um retângulo longo que seguia a crista do teto, incluindo banheiros públicos nos fundos. Cadeiras de madeira, uma mesa grande e bancos situavam-se ao longo de uma parede. Uma máquina de venda automática e prateleiras com folhetos turísticos ficavam encostados na outra parede. O ambiente parecia estreito e cavernoso e tinha um forte cheiro de desinfetante.

E quanto ao café grátis prometido? No balcão de pedras e argamassa do quiosque havia uma pilha de copos de isopor, outra de guardanapos e duas jarras sobre placas térmicas. Uma delas etiquetada como *CAFE* e a outra como *CHOCULATE*.

Alguém na folha de pagamento do Estado é um zero à esquerda em ortografia, Darby pensou.

Ao nível do tornozelo, ela notou que a argamassa estava rachada e uma das pedras estava solta. Um chute bastaria para removê-la. Aquilo irritou uma pequena região obsessiva-compulsiva do seu cérebro. Como a necessidade de arrancar uma cutícula da unha.

Darby também ouviu um zumbido fraco, como o bater das asas de um gafanhoto, e se perguntou se a energia elétrica do lugar estava a cargo de algum gerador de emergência. Talvez aquilo tivesse desligado o Wi-Fi. Ela se voltou para o estranho com barbicha.

– Você viu algum telefone público por aqui? – Darby perguntou.

Com uma expressão “Ah, você ainda está aqui?”, o homem olhou para ela e fez que não com a cabeça.

– Seu celular tem sinal? – ela perguntou.

– Desde White Bend, nenhum sinal.

Darby perdeu a esperança. Embora o mapa regional pendurado na parede não marcasse a localização deles, deduziu que o nome daquela área de descanso era *Wanasho* (que significava algo como *Pequeno Diabo*, cortesia de uma língua local esquecida havia muito tempo). A cerca de trinta e dois quilômetros ao norte, havia outra área de descanso, com o nome semelhante de *Wanashono*, que significava algo como *Grande Diabo*, e então, cerca de

dezesseis quilômetros mais além, morro abaixo, situava-se a cidade de White Bend. Naquela noite, nas vésperas do apocalipse de neve, do armagedom de neve ou do nevezilla, independentemente de como os meteorologistas estivessem chamando aquilo, White Bend poderia muito bem ficar fora do ar...

– Consegui sinal lá fora – revelou outra voz masculina, atrás dela.

Darby se virou. Ele estava apoiado na porta da frente com a mão sobre a maçaneta. Ela havia passado direto por ele ao entrar (*como eu não o percebi?*). O rapaz era alto, de ombros largos, um ou dois anos mais velho do que ela. Podia muito bem ser um dos caras da fraternidade Alpha Sig da universidade com quem sua colega de quarto farreava. Ele era dotado de uma massa de cabelos ensebados, usava uma jaqueta verde e tinha um sorriso tímido.

– Mas só uma barrinha e só por alguns minutos – ele acrescentou. – Minha operadora é a... T-Mobile.

– A minha também. Onde?

– Lá fora, perto das estátuas.

Darby assentiu e se pôs a pensar.

– Você... Ei, algum de vocês sabe quando os limpa-neves vão aparecer?

Os dois homens fizeram que não com a cabeça. Darby não estava gostando de estar no meio dos dois, pois tinha que ficar girando a cabeça o tempo todo.

– As transmissões do serviço de emergência saíram do ar – o mais velho disse, apontando para um rádio AM/FM da década de 1990 que emitia um zumbido sobre o balcão. Aquela era a origem do ruído que pareceu o bater das asas de um gafanhoto para Darby. O rádio estava dentro de um engradado. – Quando cheguei aqui, estava dando informações do trânsito e do Sistema de Alerta de Emergência a cada trinta segundos – ele acrescentou. – Mas agora saiu do ar. Talvez a neve tenha soterrado o transmissor.

Darby enfiou a mão através da grade do engradado e arrumou a antena, fazendo com que o ruído mudasse de intensidade.

– Não sou muito ligado em música – o jovem falou.

Por algum motivo, Darby começou a gostar do mais velho e se arrependeu de ter se irritado com ele por causa do Wi-Fi.

Na mesa grande, Darby notou um baralho de cartas com os cantos dobrados. Aparentemente um jogo de pôquer que servia para unir dois desconhecidos presos por causa de uma nevasca.

Ouviu-se o barulho da descarga no banheiro.

Três desconhecidos, ela calculou.

Darby voltou a guardar o celular no bolso do jeans e percebeu que os dois homens ainda estavam olhando para ela. Um na frente e outro atrás.

– Meu nome é Ed – disse o mais velho.

– Ashley – disse o jovem.

Darby não revelou como se chamava. Ela usou o cotovelo para abrir a porta da frente e voltou para o frio congelante do lado de fora, com as mãos afundadas nos bolsos do casaco. Deixou a porta com amortecedor se fechar lentamente atrás dela, ouvindo o homem mais velho perguntar para o jovem:

– Escuta, seu nome é Ashley? Como o de uma *garota*?

– Ashley não é só um nome feminino – o jovem resmungou.

A porta se fechou.

O mundo ali fora tinha escurecido sob as sombras. O sol havia se posto. Os flocos de neve que caíam pareciam alaranjados por causa da única lâmpada externa do prédio, pendurada sobre a entrada em uma grande luminária. No entanto, o apocalipse de neve dava a impressão de ter enfraquecido por alguns momentos. Diante da noite que caía, Darby conseguia ver os contornos dos picos distantes. Eram fragmentos de rochas meio escondidas entre as árvores.

Ela ergueu a gola do casaco até o pescoço e tremeu.

O grupo de estátuas que Ashley, o jovem, havia mencionado ficava ao sul da área de descanso, além do mastro e da área de piquenique, perto da via de acesso pega por ela. Dali de onde estava, mal conseguia vê-las. Eram apenas silhuetas meio enterradas na neve.

– Ei!

Darby se virou.

Era Ashley novamente. Ele deixou a porta se fechar com um clique e alcançou Darby dando passos largos na neve.

– Tive que... Então, tive que ficar em um ponto muito específico. Foi o único lugar que consegui achar sinal e apenas uma barrinha. Talvez você só consiga enviar uma mensagem de texto.

– É suficiente para mim.

Ashley fechou o zíper da jaqueta.

– Vou lhe mostrar.

Seguiram as pegadas antigas dele e Darby percebeu que já estavam meio cobertas com alguns centímetros de neve em pó. Ela quis saber quanto tempo fazia que ele estava preso ali, mas não perguntou.

Depois de ganhar alguma distância do prédio, Darby também se deu conta de que aquela área de descanso estava aninhada em um precipício. Atrás da parede dos fundos (os banheiros), as copas das árvores carcomidas marcavam um despenhadeiro brusco. Ela nem sequer enxergava exatamente onde começava o declive do terreno, pois a camada de neve o ocultava. Um passo em falso podia ser fatal. A flora ali no alto era igualmente hostil: as ventanias deixaram as árvores com formas estranhas, incluindo galhos irregulares e rígidos.

– Obrigada – Darby agradeceu.

Ashley não a ouviu. Continuaram avançando com neve pela cintura, com os braços estendidos para manter o equilíbrio. Fora da trilha de pedestres, a neve era mais profunda. Seus tênis já estavam ensopados e os dedos dos pés, dormentes.

– Então seu nome é Ashley? – ela perguntou.

– Sim.

– Não prefere que te chamem de Ash?

– Por que eu ia preferir?

– Só estou perguntando.

Darby lançou outro olhar para o centro de informações turísticas e notou uma figura parada no brilho da única janela do prédio, observando-os por trás do vidro fosco. Ela não sabia se era Ed, o homem mais velho, ou a pessoa que ela não tinha visto.

– Ashley não é só um nome feminino – ele afirmou, enquanto se arrastavam pela neve. – É um nome masculino bastante viável.

– Ah, com certeza.

– Como Ashley Wilkes, o personagem de...*E o vento levou*.

– Estava mesmo pensando nele – Darby afirmou. Parecia bom ter um pouco de conversa fiada. Mesmo assim, a parte desconfiada de seu cérebro, de que ela nunca conseguia se livrar totalmente, se perguntava: *Você está familiarizado com esse filme superantigo, mas não é muito ligado em música?*

– Ou Ashley Johnson – ele disse. – O jogador de rúgbi mundialmente famoso.

– Esse você inventou.

– Não inventei – ele disse e indicou algo ao longe. – Ei. Dá pra ver o Pico Melanie.

– O quê?

– O Pico Melanie – Ashley disse, parecendo envergonhado. – Desculpe, estou preso aqui há muito tempo e fiquei lendo tudo que achei no centro de informações turísticas. Está vendo aquela grande montanha ali? Um homem deu o nome em homenagem à mulher dele.

– Que fofo.

– Pode ser, mas talvez ele a estivesse chamando de frígida e inóspita.

Darby deu uma risada.

Naquele momento, alcançaram as estátuas cobertas com pingentes de gelo. Provavelmente, em algum lugar sob a neve, havia uma placa explicando o significado de tudo aquilo. Fundidas em bronze, as esculturas pareciam representar crianças correndo, pulando, praticando esportes...

Ashley apontou para uma delas que empunhava um taco de beisebol.

– Ali. Perto do pequeno jogador.

– Aqui?

– Sim. É onde eu consegui sinal.

– Obrigada.

– Você... – Ele hesitou em falar, voltando a afundar as mãos nos bolsos. – Quer que eu fique por aqui?

Silêncio.

– Quer dizer, se...

– Não – Darby respondeu, dando-lhe um sorriso verdadeiro. – Estou bem. Obrigada.

– Estava esperando que você dissesse isso. Está um *gelo* aqui fora – ele respondeu, exibindo um sorriso relaxado. Então, começou a caminhar de volta na direção das luzes alaranjadas, acenando por sobre o ombro. – Divirta-se aqui com as Crianças de Pesadelo.

– Pode deixar.

Darby só se deu conta de o quanto as estátuas eram perturbadoras quando ficou sozinha com elas. Faltavam pedaços nas crianças. Era um estilo artístico que ela já tinha visto antes: o escultor utilizava pedaços de bronze, fundindo-os em soldaduras estranhas e inesperadas que deixavam costuras e lacunas. No entanto, na escuridão, a imaginação de Darby rendia sangue.

O garoto à sua esquerda, o que empunhava um taco de beisebol e que Ashley tinha chamado de pequeno jogador, apresentava uma caixa torácica exposta. Outros garotos acenavam com os braços finos, compridos e deformados, em que faltavam pedaços de carne. Era como um grupo de vítimas mutiladas por cães pitbull, roídas quase até os ossos.

Como Ashley as tinha chamado? *Crianças de Pesadelo*.

Ele estava a dez metros de distância, quase uma silhueta contra a luz alaranjada da área de descanso, quando Darby se virou e o chamou:

– Ei, espere.

Ashley olhou para trás.

– Darby – ela disse. – Meu nome é Darby.

Ele sorriu.

Obrigada por me ajudar, ela quis dizer. *Obrigada por ser decente comigo, um total desconhecido*. As palavras estavam ali, em sua mente, mas ela não conseguia pronunciá-las. Ele cortou o contato visual, o momento evaporando...

Obrigada, Ashley...

Ele continuou andando.

Então parou novamente, reconsiderando, e disse uma última coisa:

– Você sabe que Darby é um nome masculino, não sabe?

Ela riu.

Darby o viu se afastar e então se encostou no taco de beisebol da estátua, que estava no meio de um movimento de tacada, e segurou o iPhone direcionado para o céu, contra os flocos de neve que caíam. Semicerrou os olhos, observando o canto esquerdo superior da tela rachada.

Nenhum sinal.

Sozinha na escuridão, Darby esperou. No canto direito, a carga da bateria tinha caído para 22%. Ela deixara o carregador ligado numa tomada em seu dormitório, a mais de 150 quilômetros para trás.

– Por favor – ela sussurrou. – Por favor, Deus...

Ainda nenhum sinal. Batendo os dentes de frio, ela releu a mensagem de texto da irmã: *NESTE MOMENTO, ELA ESTÁ OK*.

Ok é a pior palavra do mundo. Sem contexto, é uma absoluta não-coisa. *Ok* podia significar que sua mãe, Maya, estava melhorando; podia significar que estava piorando; e podia significar que ela estava... Bem, simplesmente *OK*.

Dizem que o câncer de pâncreas é um assassino ligeiro, porque a morte costuma acontecer em semanas ou até mesmo dias após o diagnóstico, mas não é verdade. Leva anos para matar. Apenas é assintomático nos estágios iniciais, multiplicando-se de forma invisível dentro de seu hospedeiro, só manifestando icterícia ou dores abdominais quando já é tarde demais. O fato de o câncer já estar no interior de sua mãe quando Darby estava no ensino médio era uma ideia arrepiante. Estava ali quando ela mentiu sobre as etiquetas anti-furto da loja Sears quebradas em sua bolsa. Estava ali quando voltou dirigindo para casa às três da manhã de um domingo, confusa por causa de um ecstasy adulterado, com uma pulseira verde fosforescente no pulso, e sua mãe chorou na varanda e a chamou de *vadiazinha podre*. Aquela criatura invisível estivera empoleirada sobre o ombro de sua mãe o tempo todo, espreitando, enquanto ela estava morrendo lentamente e nenhuma das duas sabia.

Tinham se falado pela última vez no Dia de Ação de Graças. Com discussões entrecruzadas, o telefonema durara mais de uma hora, mas os últimos segundos perduraram na mente de Darby.

O papai nos deixou por sua causa, ela se lembrava de ter dito. E se eu pudesse ter escolhido entre ele e você, teria escolhido ele. Num piscar de olhos.

Num maldito piscar de olhos, Maya.

Darby enxugou as lágrimas com o polegar, já congelando em sua pele. Ela soltou o ar com força. *Naquele momento*, sua mãe estava sendo preparada para a cirurgia no Hospital Utah Valley, e ela estava ali, presa em uma área de descanso decadente nas Montanhas Rochosas.

Além disso, sabia que não tinha gasolina suficiente para afastar Blue dali durante muito tempo. Pelo menos, o centro de informações turísticas dispunha de aquecimento e eletricidade. Quer gostasse ou não, ela provavelmente teria de bater papo com Ed e Ashley, e quem quer que tivesse dado a descarga no banheiro. Ela os imaginou – um bando de desconhecidos em uma nevasca, como garimpeiros de ouro e colonos que deviam ter se refugiado naquelas mesmas montanhas séculos antes – tomando café aguado, compartilhando histórias de fogueira de acampamento e ouvindo rádio atrás de pistas confusas sobre quando os limpa-neves chegariam. Talvez ela fizesse alguns amigos de Facebook e aprendesse a jogar pôquer.

Ou talvez fosse se sentar em seu Honda e morrer congelada.

Ambas as opções eram igualmente atraentes.

Darby olhou para a estátua mais próxima.

– Vai ser uma noite longa, crianças – disse. Checou o iPhone uma última vez; mas, naquela altura, tinha perdido a esperança sobre o lugar do sinal mágico de Ashley. Tudo o que estava fazendo ali fora era desperdiçar bateria e se expor a queimaduras de gelo.

– Uma noite longa e *infernal*.

Darby voltou para o prédio da área de descanso de Wanasho, sentindo outra pontada de enxaqueca nas beiras de seus pensamentos. O apocalipse de neve tinha recuperado a força, encobrindo as montanhas com flocos de neve varridos pelo vento. Uma forte rajada passou atrás dela, fazendo as árvores-rangerem e açoitando seu casaco. Inconscientemente, enquanto caminhava, Darby contou os carros no estacionamento: três, além de seu Honda. Um furgão cinza, uma picape vermelha e um veículo não identificado, todo encoberto por ondas sucessivas de geada.

No caminho, Darby escolheu passar pelo estacionamento, junto a essa pequena coleção de carros presos. Sem nenhum motivo, na realidade. Posteriormente, ela recordaria essa decisão irracional muitas vezes e se perguntaria quão diferente sua noite poderia ter terminado se tivesse simplesmente refeito as pegadas de Ashley.

Darby alcançou a fileira de veículos.

O primeiro carro era a picape vermelha. Tinha sacos de areia no compartimento de carga e correntes nos pneus. Havia menos neve acumulada sobre a carroceria, ou seja, não estava ali havia muito tempo. Trinta minutos, ela supôs.

O segundo estava completamente soterrado. Era apenas um monte de neve irreconhecível. Ela nem mesmo conseguia discernir a cor. Podia até ser uma caçamba de lixo. Algo largo e quadrado. Era o mais comprido dos quatro veículos.

O terceiro era Blue, seu confiável Honda Civic. O carro em que ela aprendera a dirigir, o carro que levava para a faculdade, o carro em que perdera a virgindade (não tudo ao mesmo tempo). Estava faltando o limpador esquerdo, jogado no acostamento nevado da estrada a um quilômetro e meio de distância. Darby sabia que tinha sorte de ter alcançado uma área de descanso.

O último era o furgão cinza.

Foi onde Darby escolheu atravessar entre os carros estacionados, pegar a trilha de pedestres e alcançar a porta da frente do prédio, situada a uns quinze

metros de distância. Ela planejava passar entre o furgão e o seu Honda, encostando-se na carroceria de seu carro para se equilibrar.

Na lateral do furgão, havia um decalque com uma raposa de desenho animado, como um Nick Wilde falsificado do filme *Zootopia*. A raposa laranja empunhava uma pistola de pregos do mesmo jeito que um agente secreto segurava uma pistola, promovendo algum tipo de serviço de construção ou reparo. O nome da empresa estava coberto pela neve, mas o slogan era visível: **TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS**. O furgão tinha duas janelas traseiras. A da direita estava bloqueada por uma toalha. A toalha da esquerda tinha caído, expondo o vidro transparente e refletindo a luz de uma lâmpada. Quando Darby se aproximou da janela, vislumbrou algo pálido dentro do furgão: uma mão.

Uma mão minúscula, como a de uma boneca.

Darby se deteve, com a respiração presa nos pulmões.

Atrás do vidro gelado, aquela mãozinha segurava um material semelhante a uma grade: dedos brancos se desdobrando um por um delicadamente, daquele jeito descoordenado de uma criança ainda adquirindo controle do sistema nervoso. Então, subitamente, retrocedeu para a escuridão. Sumiu da visão. Tudo aconteceu em três ou quatro segundos, deixando Darby em um silêncio estupefato.

Sem chance.

O interior do furgão estava silencioso e, novamente, sem movimento.

Ela chegou mais perto, colocando as mãos na janela, olhando o interior com atenção. Seus cílios tremulavam sobre o vidro frio. Muito pouco visível na escuridão, perto de onde a mãozinha havia desaparecido, ela distinguiu um pequeno arco, reflexo bastante fraco do brilho de uma lâmpada de vapor de sódio. Era um cadeado circular com segredo prendendo uma treliça de barras metálicas, que a mão da criança havia segurado. Era como se a criança estivesse em um canil portátil.

Então, Darby soltou o ar dos pulmões com força – um erro – e o vidro ficou embaçado com sua respiração. Mas ela tinha visto aquilo. Não havia como não ver.

Ela se afastou, deixou uma marca de mão na porta, sentindo o coração disparado. Um batimento crescente.

Há...

Há uma criança trancada dentro desse furgão.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2020